

e agora?



augusto la fere

ars verbi

e agora?

augusto la fere

e agora?

edição digital

lapa
ars verbi
2026

créditos

e agora?

©2019 augusto la fere
publicado por *ars verbi™*
lapa, paraná, brasil

edição digital

isbn: 978-65-988752-3-7

esta obra está licenciada sob a creative commons
atribuição – não comercial – compartilha igual 4.0
internacional (cc by-nc-sa 4.0). você pode compartilhar e
adaptar esta obra, desde que:

- atribua o crédito ao autor;
- não a utilize para fins comerciais;
- publique obras derivadas sob a mesma licença.

para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

<https://arsverbi.com.br>

dedicatória

aos que conhecem o peso das horas vazias
e ainda assim levantam o corpo do colchão.
este livro é companhia, não resposta.

“não é o fim do mundo que nos consome,
mas o mundo que nunca começa.”

— *carlos nejjar*

sumário

prólogo: poema do vazio	
o alvorecer de chumbo.....	2
a geometria do travesseiro.....	3
a primeira pergunta.....	4
o lado esquerdo da cama.....	5
rituais para um deus de gesso.....	6
a tela que não brilha.....	7
a espera de um nome no celular.....	8
telemarketing: a voz do acaso.....	9
o peso do corpo ao se erguer.....	10
o mundo por um fio de luz na fresta.....	11
biografia escrita em sonhos roubados.....	12
trânsito para a cozinha.....	14
o choro da chaleira.....	15
alquimia do leite em pó.....	16
a última decisão (pão ou nada).....	17
o zumbido sagrado do eletrodoméstico.....	18
<i>navegação por oceanos de streaming</i>	19
o controle remoto: cetro de um rei cego.....	20
a sombra na parede dialoga.....	21
geografia de um apartamento.....	22
o café esfria na xícara do tempo.....	23
inventário da desordem.....	24
o dia que não chegou a ser.....	25
o computador acorda antes de mim.....	27
a tela em branco me olha.....	28
o arquivo dos inacabados.....	29
diálogo com personagens mudos.....	30
a tecla que travou no passado.....	31
rascunho para um eu futuro.....	32
sonhar com verbos.....	33
escrever com cinzas.....	34

a mentira do “capítulo um”.....	35
os fantasmas que reviso.....	36
a grande obra é um rascunho.....	37
a fadiga que apaga o parágrafo.....	38
a gravidade do edredom.....	40
retorno ao porto da cama.....	41
o corpo que pesa uma vida.....	42
dormir com os olhos da tv abertos.....	43
a trama que não prendia mais.....	44
sinfonia anônima da rua.....	45
repouso em estado de sítio.....	46
o sono que não lava.....	47
o pesadelo sutil da rotina.....	48
o despertar que já é cansaço.....	49
o dia que se derruba sobre mim.....	50
o último bocejo do dia.....	51
a marca no calendário imaginário.....	53
o apartamento espera a visita.....	54
os ouvidos famintos.....	55
a chave na porta alheia.....	56
biografia de quem vem a cada quinze sóis.....	57
monólogos para um auditório de um.....	58
a coreografia do pano e do sabão.....	59
a economia da palavra e da gorjeta.....	60
o silêncio que se segue ao porta-bater.....	61
o eco em quatro cômodos limpos.....	62
a saudade de uma voz que não era minha.....	63
o fim do ciclo do outro.....	64
epílogo: poema do círculo	

prólogo: poema do vazio

o silêncio aqui não é ausência.
é chumbo líquido
que escorre pelas paredes
e solidifica o ar.

o apartamento — minúsculo reino
onde o tempo não é hora,
é pequena morte diária.

o despertar: primeira queda.

a mente acende
num clarão de puro nada
e já lateja a pergunta:
e agora? e agora? e agora?

o controle remoto — cetro de rei cego.
a tela do celular — altar sem milagres.
a xícara de café — ampulheta invertida
que mede o vazio.

escrevo com cinzas
do que fui,
do que sou que se apaga,
do que não serei.

este é o mapa de rendição,
inventário da solidão,
biografia do que ainda arde
quando tudo
que era para ser vivido
já se foi.

o silêncio toma forma
como se o ar tivesse peso.
a pergunta insiste
até virar hábito.

quatro paredes.
um corpo.
e o dia
como ordem sem remetente.

o alvorecer de chumbo

não é a luz que chega,
é o peso.
um teto de chumbo desce devagar
sobre o peito,
sobre as pálpebras que se negam.

o dia não nasce,
é imposto.
um volume espesso de ar parado,
tempo coagulado na garganta.

a cidade é zumbido distante,
rumor de formigueiro que não me pertence.
meu reino é este: quatro paredes,
e o alvorecer lento
de um vazio recomeçado.

o sol é mancha pálida atrás da cortina,
lembrança de fogo.
aqui dentro, a única claridade
é a pergunta que pulsa no cérebro:

e agora? e agora? e agora?

a geometria do travesseiro

o travesseiro guarda a topografia do cansaço.
um vale fundo onde ecoa
a última palavra não dita.

vira-se o corpo.
o lado frio da almofada,
o lado esquerdo do vazio.
cada volta descobre outro ângulo
da mesma solidão.
a geometria é sempre abandono.

3. olhos que ardem de silêncio
abrir os olhos:
ato de força contra a gravidade
de um sono que não lava.

a córnea, mapa seco.
o mundo entra em foco:
o mesmo teto,
a mesma mancha.

a retina queima no ácido do não-choro.
arde do resíduo de sonhos
que não ousaram acontecer.
arde de ver sempre o mesmo.

a primeira pergunta

antes do pensamento,
a interrogação.
um ponto final
travestido de vírgula.

brota do estômago,
sobe pela traqueia,
pesa na língua.

e agora?
pergunta ao espelho,
ao relógio parado,
ao celular mudo.

e só o eco responde,
repetindo-se.

o lado esquerdo da cama

o lado direito é geografia morta.
o lado esquerdo:
território do corpo.

ali o colchão cedeu,
moldou-se ao contorno da resignação.

é do lado esquerdo que se alcança o celular.
é do lado esquerdo que se vê a porta,
sempre fechada.

deitado sobre o lado esquerdo,
escuta-se o próprio sangue,
um rio lento correndo
para lugar nenhum.

rituais para um deus de gesso

o celular é altar.
o dedo desliza sobre o gelo luminoso.
nenhum nome novo.

só a notícia fria de um mundo
que segue sem mim.
telemarketing: voz do acaso,
alguém contratado para pronunciar
meu nome.

é algo.
é quase prece
atendida por deus de gesso.

a tela que não brilha

o controle remoto: extensão do braço,
chave para o mundo paralelo.

um toque.
a tela não brilha, desperta.
um rio de imagens corre,
preenche o silêncio.

não creio nas notícias de fora.
prefiro as ficções:
mais honestas em sua mentira.

a espera de um nome no celular

o corpo ainda é pedra no leito,
mas os olhos vigiam o retângulo negro.

cada minuto é agulha.
cada vibração fantasma,
uma crucificação.

a espera é por uma sílaba,
um nome, um sinal
de que em outro lugar
alguém me nomeou.

mas o celular é túmulo iluminado —
e, no fundo, lateja a pergunta:
e agora?

telemarketing: a voz do acaso

toque.
o coração acelera.

“bom dia, posso falar com o senhor?”

é uma voz.
uma voz humana.
uma voz habitual.

não importa o script,
nem o produto,
nem a ladainha.
importa o som da laringe,
o atrito vivo das cordas vocais.

alongar a conversa.
fazer perguntas inúteis.
comprar tempo,
comprar um fragmento de alma.

depois, silêncio.
e o silêncio que segue
é ainda mais profundo.

o peso do corpo ao se erguer

levantar é decisão de guerra.
cada músculo alega deserção.
os ossos rangem contra a verticalidade.

o chão é ímã.
o corpo, ferro velho.

erguer-se é vencer por instantes
a gravidade da terra.
vitória oca, dolorosa.

o mundo por um fio de luz na fresta

no trânsito até a cozinha,
uma pausa.

a cortina não fecha por inteiro.
um fio de luz,
uma fenda de rua,
um fragmento de nuvem.

é o bastante.
é tudo o que suporto.

puxo a cortina.
fecho a fresta.
a luz de dentro é mais segura.

biografia escrita em sonhos roubados

o corpo está em pé,
a alma ainda se arrasta na cama.

entre a chaleira e o pó de café,
um instante para sonhar.
sonhar com o livro inacabado,
com a personagem que fala comigo,
com a janela que nunca se abre.

sonhos roubados do turno anterior,
pedaços de um eu futuro
que nunca se cumpre.

esta é a biografia:
não a dos feitos,
mas a dos sonhos inacabados
que morrem,
com o chiar da porta do banheiro.

a cozinha não é lugar,
é travessia curta.

o metal acorda antes do peito,
a água aprende a ferver
para fingir futuro.

no fundo da xícara
o tempo se repete
sem testemunhas.

trânsito para a cozinha

é uma pequena migração.
o corpo se arrasta como nômade
entre dois desertos conhecidos:
o quarto e a cozinha.

os pés deslizam sobre o piso frio,
repetem o mesmo caminho de ontem,
e de anteontem,
e do dia anterior ao anteontem.

não há paisagem,
apenas sombra projetada na parede,
meio-dia após meio-dia.

o choro da chaleira

o fogo aceso.
a chaleira posta.

não é dele o primeiro sinal de vida,
mas do metal que geme,
um lamento baixo,
um grito agudo,
vapor que embaça por um instante
a janela sempre fechada.

é o choro da chaleira,
o único que escuta,
o único que atende.

alquimia do leite em pó

pó branco sobre fundo branco.
água quente descendo,
dissolvendo grumos,
rendendo-se ao calor.

não é leite:
é imitação de leite.
é alquimia pobre,
transformando o nada
em líquido quase.

solidão que se transforma
em solidão com café.

a última decisão (pão ou nada)

o pão endurecido na sacola.
o estômago não pede desejo,
apenas fato.

pão ou nada?
o último drama do dia.

pesa o pão na mão,
pesa o nada na mente.
às vezes vence o nada,
e é mais fácil.

o zumbido sagrado do eletrodoméstico

a televisão fala sozinha,
a geladeira resfria o vazio,
os eletrodomésticos entoam
o zumbido sagrado do templo.

eles não exigem resposta,
apenas existem.
preenchem o silêncio
com frequência neutra.

e ele, sumo sacerdote,
preside o culto
ao vazio sonoro.

navegação por oceanos de streaming

o controle na mão.
o menu se abre: um oceano.

capas, rostos sorridentes,
heróis, amantes, vilões.
uma fauna que não o habita.

navega por horas,
escolhe pelo título,
abandona pelo enredo.

a busca é o verdadeiro filme.
o enredo é a própria espera.
o tempo justificado
por uma promessa de história
que nunca se cumpre.

o controle remoto: cetro de um rei cego

braço estendido.
o controle repousa como cetro,
artefato de poder.

com ele, muda séculos,
cria e destrói mundos
ao pressionar um dedo.

é o cetro de um rei cego,
soberano de um reino de luz e sombra.

mas todo poder termina
no limite do sinal da tv.

a sombra na parede dialoga

o episódio termina,
a tela pergunta: “reproduzir próximo?”.

ele desvia os olhos.
na parede, sua sombra.

inclina a cabeça.
a sombra repete o gesto.

é o único diálogo de igual para igual,
uma conversa muda
sobre a natureza do reflexo.

geografia de um apartamento

o apartamento não tem cômodos,
tem estados de espírito.

o quarto: vale do esquecimento.
a sala: planalto da espera.
a cozinha: deserto da necessidade.
o corredor: estreito que liga solidões.

o quarto, a sala, a cozinha, o corredor —
um atlas de solidão.

ele é o cartógrafo desse território,
conhece cada fenda,
cada poeira que dança
no mesmo lugar,
à mesma hora.

o café esfria na xícara do tempo

a xícara erguida à boca.
o café já morno.

o tempo esfriou o líquido
enquanto ele assistia
a uma cena de amor
que não o comoveu.

a xícara é ampulheta.
o café que esfria
é tempo que escorre,
sem barulho, sem aviso.

bebe de um gole só.
a temperatura errada
é a única verdade.

inventário da desordem

ao fim do turno,
um inventário.

migalha no sofá.
xícara vazia.
controle remoto entre assento e braço.
a luz da tv piscando em espera.

é desordem confortável
de uma vida que não transborda.

cada objeto fora do lugar
é marca do dia,
marca do dia,
prova de que o dia aconteceu.

o dia que não chegou a ser

o ritual se esgota.
as imagens não fazem sentido.

o zumbido dos eletrodomésticos
é agora ruído de fundo
que corta a alma.

o dia não chegou a ser:
preenchido, não vivido.
intervalo entre dois sonhos tensos.

o corpo pede colapso horizontal,
rendição inevitável —
do dia que não chegou a ser.

o cursor pisca
como farol de naufrágio.

tudo o que escrevo
volta para o quarto,
para a cadeira,
para a mesma frase.

quando fecho sem salvar,
o corpo já está descendo.

o computador acorda antes de mim

a tela clareia primeiro.
um olho azul artificial
vigia antes que eu me reconheça.
ele já está lá:
cheio de promessas vazias,
arquivos dormentes,
companheiro indesejado
desta solidão.

acendo-o
para não me sentir
o único desperto.

a tela em branco me olha

abrir o processador de texto
é encarar o inimigo.
não possibilidade,
mas brusco julgamento.
um vazio mais puro,
mais hostil que o meu.

o cursor pisca.
cada batida é acusação:
“e agora? e agora? e agora?”

o arquivo dos inacabados

na pasta, lápides:

“romance_final_v2_verdadeiro.doc”

“ensaio_sobre_o_tempo.docx”

“poemas_do_apartamento_novo.rtf”

cada título:

um túmulo de mim mesmo.

clico num arquivo,

leio a primeira linha.

é como folhear o diário

de um estranho

mais corajoso do que eu.

diálogo com personagens mudos

forço-os a falar:

a mulher que perdeu o trem,
o homem que planta gerânios.

eles me olham da tela,
estátuas de palavras.
bocas abertas
de onde só sai
o eco da minha voz.

fantasmas que não sabem
assombrar direito.

a tecla que travou no passado

a tecla “s” falha.
às vezes surge,
às vezes não.

é a letra do “sim”
e travou no passado.

escrevo “esperança”
e sai “e perança”.
um erro que soa
mais verdadeiro
que a palavra inteira.

rascunho para um eu futuro

escrevo: “ele abriu a janela.”

minto.

escrevo: “ele sorriu sem motivo.”

minto outra vez.

tento criar um personagem

que não sou,

um eu futuro,

corajoso,

capaz de acreditar no amanhecer.

mas a linguagem se rebela:

todas as frases voltam

a este quarto,

a esta cadeira,

a este homem que escreve

sobre um homem que escreve.

sonhar com verbos

fecho os olhos.
não sonho imagens,
sonho verbos.

“correr”. “gritar”. “abrir”. “encontrar”.
fósseis de uma língua
que meu corpo esqueceu.

ao abrir os olhos,
só resta um verbo:
“durar”.
eu duro.
eu durava.
eu durarei.
eu duro.

escrever com cinzas

as palavras não saem da tinta,
mas da fumaça.
frágeis, desmancham-se
ao menor sopro.

tento frase com cinzas,
mas o vento da rotina
varre tudo
antes que eu possa dizer “fica”.

escrevo com o que sobrou do fogo.
e o que sobrou é quase nada.

a mentira do “capítulo um”

duplo clique.
“capitulo_um_novo.doc”.

a mentira mais antiga.
a fé de que um começo é possível.

escrevo a data,
escrevo um título.
ritual de autoengano,
como fazer café,
como ligar a tv.

acredito por cinco minutos.
depois a tela devolve
meu rosto exausto.

os fantasmas que reviso

releio o que escrevi há anos.
encontro o fantasma
de um homem cheio de fúria,
cheio de futuro.

usava palavras largas:
“infinito”, “viagem”.
agora meus adjetivos são pequenos:
“quieto”, “parado”, “fechado”.

reviso os fantasmas do passado.
eles revisam meu presente
com pena.

a grande obra é um rascunho

aceito.

a grande obra não será livro.
será pasta cheia de inícios.

rascunho de rascunho,
anotação marginal
de uma existência
que prefere o “quase”
ao terror do “feito”.

a fadiga que apaga o parágrafo

a fadiga não chega devagar.
chega inteira,
como blecaute da vontade.

olhos ardem,
costas doem,
a tela desfoca.

minha mão no mouse
é pata de animal moribundo.

fecho sem salvar.
não faz diferença.
o parágrafo perdido
já nascera morto.

o quarto apaga a tela.
fica um brilho mínimo
no canto do olho,
como cinza que ainda esquentava.

a cadeira devolve o peso
para os ossos.

no ar, o tecido já chama.
não é convite.
é atração.

a gravidade do edredom

a caminho da cama,
o edredom se transforma.
não é mais tecido,
é campo magnético,
astro moribundo puxando ossos.

não é cansaço,
é física pura.
a rendição é a única lei
que ainda obedeço.

retorno ao porto da cama

a cama não é lugar,
é porto.
o corpo é navio desmantelado
voltando ao mesmo cais.

lençóis são amarras,
travesseiro é ancoradouro.
o tempo não corre:
afunda.

regresso sem vitória,
chegada que já sabe
a nova partida.

o corpo que pesa uma vida

deitado,
o corpo não é carne:
é arquivo.

cada dor nas costas,
um capítulo não resolvido.
cada articulação rígida,
uma memória encravada.

pesa o que não foi dito,
o que não foi amado,
o que não foi.

pesa a vida inteira,
e cabe perfeita
num colchão solitário.

dormir com os olhos da tv abertos

não desligo a televisão.
deixo-a sussurrar.

seus olhos cintilantes
guardam meu sono tenso.
as imagens passam nas pálpebras fechadas:
aventura,
documentário de oceanos.

sonho em cores falsas,
acordado por dentro,
escutando o plot.

a trama que não prendia mais

o fio da série se desfaz.
personagens dissolvem-se
em manchas de cor.

a trama não sustenta,
é fiapo narrativo
é fôlego —
é meu pensamento.

perco o sentido,
mas não desligo.
a incoerência é espelho perfeito.

sinfonia anônima da rua

da janela fechada,
um concerto sem maestro:

latido distante,
motor que se afasta,
riso que não me pertence.

sons sem rosto,
partitura de um mundo
que não me pede.

é trilha sonora
do meu não-lugar.

repouso em estado de sítio

não é descanso.
é estado de sítio.

o corpo rendeu-se,
mas a mente patrulha.

cada ruído é invasão,
cada sombra é intruso.
durmo tenso,
sempre tenso,
à espera do ataque
que nunca vem.

o sono que não lava

o sono prometeu renovação.
mentiu.

não lava:
mancha.

trago de volta os pesadelos da rotina:
corredor circular,
teclado sem letras.

acordo mais sujo do que entrei,
poeira na boca da alma.

o pesadelo sutil da rotina

o monstro não assusta.
o que assusta é perceber,
mesmo dentro do sonho,
que hoje é quarta-feira.

que o ciclo recomeça:
chaleira, tela, cama.

pesadelo não é fantasma,
é repetição.

o despertar que já é cansaço

os olhos se abrem
sem graça.

a consciência volta
como condenação.
o corpo já cansado
do dia que nem começou.

músculos doem da inércia,
a mente farta da espera.

despertar que já é cansaço.
primeira vitória do dia:
não chorar.

o dia que se derruba sobre mim

sentado na beira da cama,
o dia despenca.

não chega em gotas de luz:
vem em blocos sólidos,
um após o outro,
amontoando-se aos meus pés.

um deserto de horas
à espera de milagre
fabricado com pó de café
e migalhas.

o último bocejo do dia

o último bocejo não é sono.
é suspiro final do dia,
expulsão do tempo não usado.

um vácuo se abre na boca,
um buraco negro engole o ciclo
e prepara o próximo.

o corredor aprende outro ruído.
um metal que não é meu.
o ar se prepara
como se alguém fosse entrar
na história do apartamento.

a marca no calendário imaginário

não há calendário na parede.
há um calendário na mente.
quadrados luminosos,
dias com auréola diferente.

são os dias do outro.
dias emprestados,
dias que não me pertencem.

espero por eles
como se espera por chuva
num deserto.

o apartamento espera a visita

na véspera, o apartamento muda.
a poeira se mostra,
o silêncio se acusa.

arrumo o que não precisa,
alinho almofada que ninguém usará.
o espaço se prepara
como para júízo secreto.

eu e o apartamento, cúmplices,
tentamos parecer
menos sós do que somos.

os ouvidos famintos

meus ouvidos,
acostumados ao zumbido,
ficam famintos.

querem timbre humano,
cadência que não a minha.
é fome física,
ânsia no tímpano.

qualquer palavra será banquete.

a chave na porta alheia

o som metálico.
a chave que não é a minha.

ritual de entrada permitida,
porta que se abre
para corpo trazido do mundo.

é violação desejada.
invasão pela qual esperei.

biografia de quem vem a cada quinze sóis

ela vem a cada quinze sóis.
traz panos,
cheiros fortes,
histórias miúdas.

do filho, do trânsito,
do preço do pão.

migalhas de biografia
que coleciono com avidez.
sei mais da vida dela
do que ela jamais saberá da minha.

ela é janela aberta,
reportagem estrangeira
sobre a humanidade.

monólogos para um auditório de um

quando ela vem, eu falo.
as palavras, enferrujadas,
escorrem em torrente.

falo do tempo,
de notícia velha,
da dor nas costas.

monólogos disfarçados de diálogo.
ela ouve com paciência
de quem é paga para ouvir.

meu auditório é de um,
mas de carne e osso.

a coreografia do pano e do sabão

enquanto falo,
ela dança.

balde, pano, esguicho.
movimentos limpos, certos.

apaga poeira,
varre cabelos,
lava sujeira do tempo.

é balé de utilidade,
e eu espectador incômodo
com minha sombra.

a economia da palavra e da gorjeta

há uma economia invisível.

eu pago em gorjeta e silêncio.
ela paga em trabalho e palavras.

no final, o cálculo é exato:
nota extra,
um “muito obrigado, até a próxima”.

contrato limpo,
sem dívidas de afeto.

o silêncio que se segue ao porta-bater

a porta se fecha.
chave agora por dentro.
passos descem pelo elevador.

e então, o silêncio.
mas não o de antes:
um silêncio carregado,
um silêncio cheio de vozes.

mais pesado,
mais profundo,
mais consciente.

o eco em quatro cômodos limpos

o apartamento cheira a limpeza.
piso brilha, espelha vazio.

cada superfície lisa
me devolve reflexo.
caminho,
e minhas solas ecoam
sobre mundo recém-lavado.

tudo no lugar.
só eu fora do lugar.

a saudade de uma voz que não era minha

sinto saudade.
não dela —
da voz.

do timbre, da frequência,
do ruído humano
que preenchia o ar.

agora resta o zumbido,
o eco de uma conversa
que já era monólogo.

o fim do ciclo do outro

o ciclo do outro se encerra.
a marca se apaga
do calendário imaginário.

a rotina retoma o comando,
companheira fiel.

o apartamento é só meu.
o silêncio, meu diálogo.
a solidão, meu estado.

até a próxima interrupção,
até o próximo empréstimo
de humanidade.

epílogo: poema do círculo

o círculo não quebra.
completa-se.
cometa passa,
órbita intacta.

e agora?
já não é grito,
é respiração,
batida lenta
do apartamento.

pergunta e resposta
se fundem
na mesma rotina.

aprendi:
vazio não é acidente
é forma de vida.

solidão não é cela
é hábitat.

janelas fechadas
protegem o frágil

ecossistema
que me resta.

viro o lado.
hoje é ontem
será amanhã.

o círculo — minha casa.
eu — seu único
e resignado
habitante.

nota biográfica

augusto la fere (lapa, paraná, 1973)   autor e ensaísta. sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. fundador do selo ars verbiTM, dedica-se   publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

entre suas publicações destacam-se “o legado”, “clown”, “cartas para ninguém”, “cinza de bronze”, “diálogos” e “o livro dos restos”. vive e trabalha no paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

colofão

este livro foi composto em eb garamond, projeto tipográfico de georg duffner (2008), inspirado na garamond renascentista talhada por claudes garamont (c. 1480–1561), em paris. esta fonte conserva a memória do século xvi, decantada em linhas que hoje se assentam como pó no suporte digital.

a edição digital foi finalizada em fevereiro de 2026, pela *ars verbi™*, em lapa, paraná.

ampulheta virada,
o mesmo grão recomeça.

